

## FFJBV comemora 34 anos de ação social

LETÍCIA JURY

Não é nada fácil congregar o Terceiro Setor. As associações e fundações, quase em sua maioria, sofrem com falta de recursos, voluntários e apoio em diversas áreas. Mas, o propósito de mudar a realidade social, de contribuir para minimizar os problemas de famílias carentes, de realizar sonhos de crianças, que passam fome e querem uma infância digna, de apoiar jovens que precisam de uma oportunidade de emprego, dentre outras situações, são as grandes

motivações. Se trabalhar diariamente com tantos desafios é difícil, mais louvável ainda é completar 34 anos de atividade. Por isto, não tem como deixar de ressaltar, o aniversário da Fundação Frei João Batista Vogel (FFJBV), que foi fundada no dia 12 de fevereiro de 1976, pelo então frade Odair Firmino e pelas irmãs Jacira Aparecida da Cunha, Maria Auxiliadora da Silva e Hilda Fernandes de Almeida. E já naquela época tinha como propósito: “propugnar pela formação cívica, moral, cultural, educacional, religiosa, artística, literária por meio das suas emissoras de rádio e projetos sociais”.

Em entrevista a rádio São Francisco, o presidente da FFJBV, Frei Wanderley Carvalho do Couto, definiu a importância desta data: “há muito trabalho a ser celebrado, conquistas, inovações, tentativas de acerto, enfrentamento de dificuldades. Temos muito o que celebrar, como a nossa presença nos bair-

ros, o espaço aberto para a população, para os que necessitam de ajuda, a interação com toda a comunidade que ouve nossas emissoras. Celebrar 34 anos é celebrar uma equipe criativa, dedicada, que está fazendo da fundação parte da cidade de Anápolis. Humildemente queremos estar a serviço da comunidade, dos pobres, que precisam ser beneficiados com os nossos projetos sociais. Queremos ser uma presença cristã, evangelizadora e um rosto franciscano. E levar a mensagem de São Francisco, de paz, justiça e fraternidade aos corações dos nossos ouvintes”.

A escolha do nome para a Fundação foi uma homenagem da então Custódia, hoje Província do Santíssimo Nome de Jesus do Brasil, a um dos frades que mais contribuíram para o fortalecimento do apostolado radiofônico no Estado de Goiás. Frei João Batista Vogel atuou em vários campos como educador, orador (membro de importantes entidades do município) e comunicador.

Ordenado sacerdote em 1945, antes de vir para o Brasil lecionara e ocupara um posto de administração no “Timon Hugh School”, em Búfalo. Em nosso país, depois de servir um ano em Pires do Rio veio para o Colégio São Francisco, em Anápolis, onde haveria de trabalhar por oito anos. Em sucessão a Frei Jaime, quando este foi eleito delegado provincial, ele foi o segundo diretor. Foi durante seus anos no colégio que ele, que já havia adquirido um invejável domínio do idioma português, foi encarregado de organizar o curso de

aculturação para missionários estrangeiros, oficialmente inaugurado em 1960. O Centro de Formação Intercultural originalmente sediado em Anápolis foi transferido para Petrópolis.

Ao retornar a Goiás, em 1965, o frade pediu um apostolado diretamente ligado à cura de almas e foi enviado como vigário a paróquia de Nossa Senhora da Abadia, em Quirinópolis. Admitiu a paróquia conforme o plano pastoral de conjunto com um programa, primorosamente planejado e executado com sua reconhecida capacidade administrativa e espiritualidade profunda. Depois de seis anos, foi novamente chamado para Anápolis, aonde desenvolveu relevantes serviços a frente das emissoras de rádio. Após descobrir que estava com leucemia, retornou aos Estados Unidos e faleceu em Boston no dia 25 de novembro de 1975, aos 54 anos de idade.

Neste tempo de celebração, pelos 34 anos da FFJBV, é importante recordar o exemplo de Frei João Batista Vogel; de parabenizar os frades que já trabalharam na emissora; o atual governo provincial em nome do ministro Frei Wanderley Carvalho do Couto; todos os colaboradores das emissoras e projetos sociais; parceiros comerciais e a rede de voluntariado. Estamos todos unidos e motivados em um único propósito: “promover paz e fazer o bem”.

**Letícia Jury é jornalista e coordenadora do departamento de Comunicação e Projetos Sociais da FFJBV**



JOÃO ASMAR  
Jornalista

O homem é um ser eminentemente social. Ele necessita de aproximação e contato sociais, permanentes, com os seus semelhantes. Quando isso não acontece, naturalmente, resulta uma anormalidade, que traz inúmeros prejuízos à vivência da criatura.

O isolamento da pessoa, alheia ao convívio social, acarreta-lhe sofrimentos indizíveis, porque evolui-se a tranquilidade, que é substituída pela sombra sufocante da solidão;

Daí, a mente, isolada, abandonada, divaga sem rumo e sem destino, agitada pela incerteza, qual nau perdida no mar revoltado, em noite escura e tempestuosa.

Ao longo do meu viver, tão graciado pelas dádivas de Deus, tão Generoso, todo ele transcorrido numa terra livre, cheia de encantos naturais, participei, ativamente, do relacionamento com milhares de pessoas.

Durante sessenta e seis anos, seguidos, mantive um estreito e sólido convívio, com milhares de jovens e adultos, homens e mulheres, meus diletos alunos, nas escolas. Então, pude sentir os efeitos do calor humano, da amizade, da troca de experiências, que muito me favoreceram, na extensa caminhada. Não me faltaram ânimo e vontade para prosseguir na busca do aprimoramento.

Muitos, infelizmente, desses companheiros, já se foram, não deixando marcas sensíveis de suas particularidades e participações ou influências no convívio comunitário.

Outros, todavia, mercê de suas condições peculiares, de seus atributos pessoais, de suas virtudes, de suas qualidades excepcionais, são lembrados com doce saudade.

E, de quando em quando, reavivam-se em minha memória, as lembranças, tão nítidas, como se fossem presentes, com os mesmos encantos e alegrias do relacionamento fraterno, do passado.

Dentre tantos dos meus amigos que Deus levou, por seus espíritos livres, alegres, comunicativos, solidários, íntegros, os advogados Washington Valente e Ayrton de Pina, Clovis Prottis, funileiro, Abrão Sacchi, capoteiro, Jarbinha, Miguel Asmar, e outros, são sempre lembrados.

De fato, nas rodinhas onde um deles estivesse, havia, sempre, alegria a presidir a reunião. Eram eles amados, respeitados, por suas inteligências privilegiadas, vivacidades e retidões de condutas.

O Ayrton de Pina nasceu na cidade de Pirenópolis, município de onde a nossa cidade se desgarrou, em 31 de julho de 1907. Fi-

## Facista

lho de Cremildes Azeredo e de dona Conceição de Pina; primogênito, com um casal de irmãos, chegaram em Anápolis, para uma permanência definitiva. O caçula, Wellington, menino meigo, super inteligente, meu aluno no Colégio São Francisco, faleceu, prematuramente

Desde cedo o Ayrton despontou como uma pessoa agraciada por Deus. Estudou com dificuldade. Em todos os episódios ele demonstrou paciência, perseverança, espiritualidade, inteligência e coragem. Foi, sempre, um leal amigo

Foi meu contemporâneo na Faculdade de Direito de Goiás, logo incorporada à Universidade Federal. Juntos, muitas vezes, nas idas e vindas, pela antiga estrada para Goiânia, estreita, sem pavimentação, poeirenta, no tempo da seca, e, lamacenta, na época das chuvas, padecemos na busca do diploma de bacharel.

Então, nessas ocasiões, em frias madrugadas, quando viajavamos, gastando de duas a três horas para chegarmos à escola, ou de lá voltando, ao calor do sol, o tempo passava ligeiro, com as narrativas do Ayrton que, de modo peculiar, nos alegrava com suas proezas, contadas por ele mesmo, com detalhes, tornando os casos hilariantes por sua preocupação em mostrar-se simplório.

Coisa interessante é que o Dr. Ayrton, possuindo uma voz grossa, nas horas apropriadas, quando contava os casos, imprimia-lhes mais alegrias, falando mais grosso. Isso, sim, chamava as atenções de seus ouvintes, pela originalidade.

Quando estudante, no curso secundário, frequentando o famoso Liceu de Goiás, em Goiânia, era diretor do estabelecimento o professor José Sisenando Jaime, conterrâneo do Ayrton, que, orgulhosamente, se proclamava filho da vetusta Pirenópolis.

O Ayrton, inteligentemente, naquele tempo, alistou-se como membro da barulhenta Juventude Comunista, que lastreava no meio estudantil. Graças a isso viajou, por duas vezes, pela Europa, indo até Moscou.

Mas, na realidade, nunca demonstrou ser adepto convicto e agente verdadeiro da doutrina de Carl Marx, ou dos seus fanáticos políticos russos, que estendiam os tentáculos por todo o leste europeu, espalhando-se com seguidores pela América Latina.

Por outro lado, na quadra de trinta, antes da eclosão da segunda grande guerra mundial, surgiu, aqui, no Brasil, o movimento integralista, à semelhança do que dominava a Itália, de Mussolini. Plínio Salgado criou o partido integralista, cujos filiados vestiam uniformes. A roupa era do mesmo tecido, verde oliva, usado pelo exército brasileiro, calça e camisa, de mangas longas. Na parte do braço esquerdo ostentavam o emblema da agremiação, a letra grega, o sigma, bordado sobre um campo branco, arredondado. Eles se saudavam, com a mão direita

espalmada para a frente, na altura dos olhos, dizendo, solenemente, “anaué”. O professor José Jaime foi um dos poucos a se filiarem nessa agremiação política, onde aparecia como líder, o compenetrado cidadão Robertí Arcanjo, que também usava botas alpinas, dando-lhe aspecto militar.

Os comunistas antagonizavam os integralistas, Aqueles apregoavam serem contrários às religiões, que diziam “ser o ópio do povo”. Estes faziam questão de se exibirem como apegados cristãos.

Certo dia, houve um grande reboliço, entre estudantes, afeiçãoados deste e daquele movimento político. Aconteceu pancadaria e o teatro foi a praça que fica em frente ao Liceu, onde resultou inteiramente quebrada, sacrificada, uma bonita árvore que, anualmente se cobria de lindas flores. Um flamboyant.

A árvore do paraíso, como também assim é conhecida, originária da ilha de Madagascar, no oceano Índico, a leste da África, situava-se na frente, à entrada do Liceu.

O Diretor chamou o Ayrton em seu gabinete e começou a ministrar-lhe um energético sermão.

O aluno, tranqüilo, assentado em uma cadeira, bem em frente à mesa do mestre, com as duas mãos colocadas sobre os joelhos, parecia indiferente a tudo.

- O senhor, seu Ayrton, filho dos meus pacatos amigos, honrados e dignos conterrâneos, Cremildes e Conceição, ao envez de estudar e dignificar a sua própria família e a nossa querida terra, Pirenópolis, o senhor se associa e se junta a esse bando de comunistas, agitadores, anarquistas e destruidores, e faz esse desatino, esse absurdo, destruindo e sacrificando a bonita árvore, que adornava a porta do nosso querido Liceu! Isso é papel de gente civilizada, senhor Ayrton?

Nesse momento, o aluno que estava impassível, ouvindo o professor, sem se alterar, tranqüilamente, indaga:

Professor, a propósito de que o senhor está me dizendo tudo isso...

- Ainda quer se fazer de “Santinho”, seu Ayrton/? O senhor é comunista, fichado, faz parte desse grupo de vândalos, que não respeitam nada... só querem acabar com tudo...! - Embraveceu o Zé Jaime,

- Uai!... professor... retrucou o aluno, censurado;

- O que eu sei... e que todos estão dizendo, lá fora, foi o senhor quem mandou quebrar a árvore, e, agora, está querendo jogar a culpa no meu lombo...?

Boquiaberta, de olhos arregalados, pálido de raiva, bufando, o Diretor se assusta e berra:

- Para fora...já... para fora... saia daqui... está suspenso por uma semana... uma semana...!

O Ayrton, calmamente, retira-se, sorrindo, muito tranqüilo, cochichando para si mesmo:

- Facista... é assim mesmo, apronta as coisas... e joga a culpa nos outros... FACISTA.

## Testemunhos de fé em Porto Alegre

FREI EDGAR ALVES, OFM

Com uma temperatura de 38º graus, cheguei a Porto Alegre dia 2 de fevereiro de 2010, para participar do Mutirão de Comunicação América Latina e Caribe. Aproveitei a tarde livre para visitar o Mosteiro São Damião das Irmãs Clarissas. Neste mosteiro encontrei a Irmã Laís Maria (Brasília) e as goianas Irmã Maria Rafaela, Irmã Maria Francis, Irmã Maria Inez e Irmã Maria Madalena que pertenciam ao Mosteiro Santa Clara de Anápolis e agora vivem em Porto Alegre. A alegria é contagiante. As irmãs queriam saber notícias de Goiás, das irmãs do Mosteiro de Anápolis, dos conhecidos, das transferências dos frades e dos familiares. Assunto não faltou. A Madre Maria Clara, superiora do Mosteiro São Damião, aparece trazendo um belo lanche e diz da satisfação de ter estas irmãs tão novas no mosteiro. As irmãs contam suas expe-

riências de fé com o povo gaúcho. Aprendo uma nova canção “Chimarreando com Deus”: “Chimarreando com Deus num eterno louvar. No coração do nosso Rio Grande vem Divino Patrão chimarrear, de onde com seu auxílio se espalha o amor pelo ar. Cavalgando pelas coxilhas me deparo a contemplar. Este verde dado por Deus que devemos assim conversar”.

Depois fui visitar o Sr. Mário Sabbag na Santa Casa, que na verdade é um complexo hospitalar com sete hospitais um ao lado do outro. Lembrei-me da Irmã Rita Cecília da nossa Santa Casa de Anápolis. Quanta coisa boa ela não faria se tivesse administrando toda essa estrutura. No hotel, encontrei dona Hilda Sabbag que já se preparava para ir visitar o marido que está na UTI se recuperando de um transplante. Fomos juntos ao hospital. Ela já conhece os atalhos entre os hospitais e logo chegamos à UTI. Du-

rante o trajeto, dona Hilda cumprimenta vários funcionários pelo nome. “Eles são diferentes” afirma uma funcionária. Eles rezam, falam de Deus, sorriem com a presença quase diária da Irmã Morte. Os pequenos gestos se tornam testemunhos de fé em Deus deste casal de paroquianos da Paróquia Santana de Anápolis. Ao entrar na UTI, converso com o senhor Mário, talvez pela surpresa ou talvez pela máscara protetora, não me reconheceu. Ao dizer meu nome, seus olhos brilharam e seu sorriso foi grande. Depois de mais de 20 dias de UTI, ele tem dificuldades com a fala, então preciso esforçar-me na leitura labial para responder suas perguntas. Rezamos juntos e o Espírito Santo aqueceu nossos corações. Aqui presenciei porque Jesus Cristo nos ensinou a prestar atenção nas pequenas atitudes e São Francisco disse que primeiro evangelizamos com o testemunho. Paz e bem.

**JORNAL ESTADO**  
DE GOIÁS

Publicação da WCR Produção e Comunicação Ltda

- Administração, Redação e Edição  
Av. JK, nº 2343, Pq. Industrial, Nova Capital  
Cep: 75114-225  
Anápolis-Goiás

Redação: (62) 3701-2721 / Comercial: (62) 3702-4406

Impressão: F. Câmara Gráfica

Editor-Chefe  
Marcos Vieira (marcosvieira77@yahoo.com.br)

Editor de Arte  
Normando Pereira Barros (npbarros@hotmail.com)

Jornalistas  
Fernanda Moraes (fernandafmoraes@hotmail.com)  
Marcos Aurélio Silva (marcos.imprensa@gmail.com)  
Orisvaldo Pires (orisvaldopires@gmail.com)

Repórter Fotográfico  
Ismael Vieira (ismaelvieira@hotmail.com)

jornaldoestadodegoias@gmail.com

www.jornalestadodegoias.com.br

twitter.com/jornalestado